

SÉRIE SABERES TRADICIONAIS – VOL. 1

# O LUGAR DO SABER

MÁRCIA WAYNA KAMBEBA



Casa Leiria



JESUÍTAS BRASIL



OLMA

Observatório Nacional de Justiça Socioambiental  
Luciano Mendes de Almeida



**Márcia Wayna Kambeba** é indígena pertencente ao povo Omágua/Kambeba no Amazonas, Alto Solimões. Nascida na Aldeia Belém do Solimões do povo Tikuna. É mestra em Geografia pela Universidade Federal do Amazonas, escritora, poeta, compositora, fotógrafa, ativista, faz palestras sobre a importância da cultura dos povos indígenas. Desenvolve um trabalho autoral lítero-musical com canto e poesia onde pela poesia, canto, fotografia busca informar numa luta descolonizadora e chamando para um pensar crítico-reflexivo sobre os povos indígenas. O primeiro livro publicado em 2013 chama-se *Ay Kakyri Tama = Eu moro na cidade*, contendo poesias baseadas na dissertação de mestrado defendida em 2012 sobre seu povo Kambeba. Tem participação em algumas antologias dentre elas: *Mãe Terra* livro escrito só com autores indígenas, *Marginalmente Falando*, *Nós da poesia vozes da rua*, *Antologia dos Acadêmicos de Formiga*, entre outros. Márcia Kambeba faz parte da Academia Formiguen-se de Letras - AFL numa homenagem à literatura indígena. Recebeu em 2018 a Comenda Paulo Frota de Direitos Humanos pela Assembleia Legislativa do Estado do Pará.

© LUGAR DO SABER  
**SÉRIE SABERES TRADICIONAIS - VOL. 1**

**OBSERVATÓRIO NACIONAL DE JUSTIÇA SOCIOAMBIENTAL  
LUCIANO MENDES DE ALMEIDA - OLMA**



OLMA

Observatório Nacional de Justiça Socioambiental  
Luciano Mendes de Almeida

**Provincial da Província dos Jesuitas do Brasil**

Pe. João Renato Eidt S. J.

**Secretário para Promoção da Justiça Socioambiental  
da Província dos Jesuitas do Brasil e  
Coordenador Nacional do OLMA**

Pe. José Ivo Follmann S. J.

**Secretário Executivo**

Dr. Luiz Felipe B. Lacerda

Márcia Wayna Kambeba

○ LUGAR DO SABER  
**SÉRIE SABERES TRADICIONAIS - VOL. 1**



Casa Leiria  
São Leopoldo/RS  
2020

SÉRIE SABERES TRADICIONAIS = VOL. 1

# ○ LUGAR DO SABER

Márcia Wayna Kambeba

Edição: Casa Leiria.

Apoio: Observatório Nacional de Justiça Socioambiental Luciano Mendes de Almeida – OLMA.

Imagem da capa: Márcia Kambeba.

Os textos são de responsabilidade da autora.

Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.

## **EDITORA CASA LEIRIA**

Rua do Parque, 470 – B. Padre Reus  
93020-270 São Leopoldo/RS

## **CONSELHO EDITORIAL**

Ana Carolina Einsfeld Mattos (UFRGS)  
Gisele Palma (IFRS)  
Haide Maria Hupffer (Feevale)  
Isabel Cristina Arendt (Unisinos)  
Luciana Paulo Gomes (Unisinos)  
Luiz Felipe Barboza Lacerda (UNICAP)  
Márcia Cristina Furtado Ecoten (Unisinos)  
Rosangela Fritsch (Unisinos)  
Tiago Luís Gil (UnB)

K15L Kambeba, Márcia Wayna  
O lugar do saber [recurso eletrônico]. / Márcia Wayna  
Kambeba. — São Leopoldo: Casa Leiria, 2020.

Disponível em: <http://www.casaleiria.com.br/acervo/olma/olugardosaber/index.html>.

ISBN 978-65-990698-8-8

1. Literatura indígena – poesia. I. Título.

CDU 821.134.3(81) -343

A Nhanderú, Deus, grande espírito,  
pelo dom da vida e a capacidade de  
refletir.

À minha família e à toda nação indígena  
que resistem à invasão de sua cultura e  
território.

À minha avó-mãe Assunta, *in memoriam*,  
minha referência pela luz que sempre  
me fortalece.

*Márcia Wayna Kambeba*

## SUMÁRIO

- 11    **PREFÁCIO****
- 12    **O RIO QUE CORRE EM MIM É UM RIO DE MEMÓRIAS****
- 15    **MÃE NATUREZA****
- 16    **O CORAÇÃO DE NHANDERÚ****
- 17    **O CHORO DA TERRA****
- 18    **TERRA SEM MAL****
- 19    **O LAMENTO DA ÁGUA****
- 20    **CONVERSAS COM ENCANTADOS****
- 21    **PISANDO NA HISTÓRIA****
- 22    **COCAR: IDENTIDADE OU FANTASIA?****
- 23    **O ABRAÇO DE BOIASSÚ****
- 24    **AMAZÔNIA****
- 25    **CHÃO KAMBEBA****
- 26    **UYCA TYERA (CORAÇÃO FORTE)****
- 27    **O TEMPO DO CLIMA****
- 28    **IUIRIA****
- 29    **PALAVRA DO POVO OMÁGUA****
- 30    **BANDEIRA DE PAZ****
- 31    **IDENTIDADE****
- 32    **TAMBOR NOSSA COR****
- 33    **POROROCA****
- 34    **RESISTÊNCIA INDÍGENA****
- 36    **ANCESTRALIDADE****
- 37    **RESISTÊNCIA KOKAMA****
- 38    **INTERVENÇÃO HUMANA****

## SUMÁRIO

- 39 AMOR DE BOTO**
- 40 AMAZÔNICO CHÃO**
- 42 A DANÇA DO AMOR**
- 43 MEU VELHO RIO**
- 44 MEMÓRIAS DE SÃO PAULO DE OLIVENÇA - AM**
- 46 TERRITÓRIO DA DANÇA**
- 47 O PESO DO PARÁ**
- 48 VERDE MUNDO**
- 49 MURUCUTUTU**
- 50 VIDA DE RIBEIRINHO**
- 51 SEGREDOS DO RIO**
- 52 NO PENSAR DE WAIMÍ**
- 53 CAMINHO DE RIO**
- 54 ENCANTO DA FLORESTA**
- 55 CAMINHO DA VITÓRIA RÉGIA**
- 56 O CANTO DOS GUARÁS**
- 57 SONS DA MATA**
- 58 CHEIRO DO ENCANTO**
- 59 POVO FLUTUANTE**
- 60 LAMENTO DA TERRA**
- 61 CANTO DO UIRAPURU**
- 62 TERRITÓRIO, IDENTIDADE, MEMÓRIA E CULTURA DOS  
POVOS DA TERRA**
- 65 OBSERVATÓRIO DE JUSTIÇA SOCIOAMBIENTAL  
LUCIANO MENDES DE ALMEIDA**



## PREFÁCIO

Os últimos tempos tem nos presenteados com produções dos indígenas que são presentes para a nossa sociedade brasileira como um todo. Modos originais de pensar e se expressar aparecem no campo e este caso da Márcia Wayna Kambeba faz este papel bonito de conectar-se com sua etnia e a trazer para a nossa compreensão muitas vezes limitada e preconceituosa.

Por muito tempo a agência indígena ideologicamente não era valorizada e isso deixava a impressão que os indígenas não resistiram à colonização. Certo é que as formas como eles agiram nestes 500 anos desde a chegada dos portugueses foi muito variada, contudo estas produções “nativas” são oportunidades únicas para encontrar a originalidade de cada uma destas formas de ver o mundo que o cerca e se relacionar com ele.

Os temas tratados pela autora são variados, por isso atraem o leitor e não o deixam parado. Porém, além de olhos para ver e inteligência para ler, temos que ter orelhas para escutar. Pode-se ler selecionando aqui e acolá alguns assuntos que interessam, pois a ordem traz formas diferentes de apreensão e são momentos de compor um conjunto como num mosaico sempre novo para deliciar-se. O contexto amazônico possui seu encanto no desvelar de seus segredos e mistérios através do olhar indígena feminino.

O limite da palavra escrita possui sua prisão, por isso a dificuldade de captar tudo que a autora tem para comunicar. Por isso a autora é brilhante atuando no seu teatro, na música e na sonoridade de seus versos, o que não aparece na escrita, somente sugere, acena.

Na metáfora da *Pororoca* como colonização penso que a autora consegue dizer a que veio: “Nessa luta envolvente, O mar chega imponente, Mandando o rio recuar. [...] E quando o mar declara guerra [...] A Yara com um assobio, Anuncia que a pororoca vai passar.” Assim, cada leitor é convidado a viajar com a autora pela Amazônia neste conjunto de textos que nos presenteou.

*Aloir Pacini*

Programa de Pós-graduação em Antropologia Social  
Universidade Federal de Mato Grosso

## ○ RIO QUE CORRE EM MIM É UM RIO DE MEMÓRIAS

Tive a honra de nascer na aldeia do povo Tikuna chamada Belém do Solimões e deles receber minhas primeiras lições de vida. O saber estava em cada canto da aldeia. Cresci ao lado de minha avó Assunta e de meu pai adotivo conhecido na aldeia como Baga (padrasto de minha mãe). Ela era uma indígena forte, que sabia impor respeito, professora na aldeia foi com o passar dos anos tornando-se liderança e tendo voz no meio dos Tikuna numa época em que as decisões eram mais dos homens, o ano de 1973.

Ela foi uma das primeiras professoras a chegar na aldeia, residiu nesse lugar por 40 anos, casou-se com meu pai adotivo que vivia em Belém do Solimões desde sua infância, nascido na aldeia, filho de minha avó Chinha apelido dado a ela por todos que a conheceram. Ambos Assunta e Baga ensinaram-me grandes lições necessárias à minha formação como pessoa e eu cresci vendo neles um pai e uma mãe, hoje, vivem no plano espiritual.

Tive uma infância com pé no chão. Pelas ruas corríamos livres, brincando de “pular saco”, uma brincadeira onde entrávamos dentro de um saco grande e tínhamos que ir de um ponto ao outro e quem primeiro chegasse ganhava a brincadeira. Empoeirados pela terra que nos recebia a alegria era contagiante em nosso rosto. Nos dias de chuva a festa era garantida. Poças de lama eram as preferidas da garotada. Mas, nada superava o banho de rio pela manhã e à tardinha. De longe ouvia as crianças me chamando para nadar, passavam pela frente de casa e com um grito forte diziam: “Ngiã ta aiyagü tatüwa?” Que em português quer dizer: “vamos tomar banho no rio?”.

Na aldeia, próximo a igreja do padroeiro São Francisco de Assis havia um barranco e de lá era possível observar o porto e o rio Solimões caudaloso e corrente levando sedimentos pesados como troncos de árvores e de carona aves e moitas de capim seguiam o curso do rio. Cedo do dia meu pai me levava para esse barranco e de lá era possível contemplar a beleza da natureza. Nos juntávamos a outros Tikuna que também ficavam ali no silêncio de sua contemplação, observando entre tantas coisas o solapamento do rio no outro lado da margem, ao menos, era o que mais chamava atenção ver esse banzeiro ir e vir. No meu pensar de criança parecia estranho e incomodava um pouco ver as pessoas em pé com braços cruzados ou acocadas, totalmente em silêncio. E as águas batiam forte nas canoas que se movimentavam de um lado para o outro como se dançassem ao som do rio.

Aos poucos íamos escutando vozes que vinham dos Tikuna que chegavam da pescaria trazendo em suas canoas muitos peixes. E quando eu fazia

um barulho meu pai, com um gesto, pedia para calar. Ir escutar o rio além de se caracterizar como um momento ritualístico era uma forma de intimidade e territorialidade com o mundo das águas. Vejo como uma oração do povo para com a natureza. Não sei se ainda hoje os Tikuna continuam indo no mesmo barranco para ver o rio, pois, a dinâmica pode ter mudado. O que sei é que silenciar é preciso.

O sol aparecia, o rio agora ia ganhando um movimento maior de canoas e de pessoas que desciam o barranco para tomar seu banho matinal. Meu pai e eu também descíamos para mergulhar. Ele nadava comigo em suas costas ensinando-me a bater o pé e depois me soltava devagar para ganhar confiança. Me dizia: “confia em mim você não vai se afogar, sente o rio te levando.” Nossa aula era interrompida com meu choro pedindo para sair. Logo o cheiro da fumaça anunciava que o peixe assado estava na mesa e o café da manhã ia ser farto na casa de minha vó Chinha. Na cultura indígena o café logo cedo é com peixe, macaxeira, cará, batata doce, banana cozida, ovos. Mas a lição de silenciar para sentir e ouvir a mensagem da natureza marcou minha infância.

É comum ver as crianças andarem de canoa, faz parte das primeiras lições de sobrevivência na vivência com o rio. A pesca é ensinada desde cedo. As meninas aprendem a escamar o peixe, assar, cozinhar e outras atividades conforme sua idade. Os pais deixam seus filhos livres e essa liberdade sentida na mata e na água faz com que se tenha uma maturidade, criando confiança e responsabilidade, pois, logo estarão aptos a formarem suas famílias desde que consigam sustentá-las. Para as meninas a menstruação marca sua fase mulher. Os meninos recebem ensinamentos dos mais velhos sobre caça, pesca, construções de casas, etc., e depois disso estão preparados para serem guerreiros e construir seu lar.

A água tem poder de cura na cultura indígena. Muitos rituais acontecem perto do rio. Quando a criança nasce, as mulheres mais velhas trazem flechas e essas são medidas conforme o tamanho da perna da criança, cortam e em seguida vão até o rio e soltam na água corrente. Acredita-se que esse ritual é para que a criança tenha agilidade nas pernas para correr e também para que as pernas não fiquem tortas, assim contou-me minha mãe Assunta. Segundo ela passei por esse ritual na aldeia Tikuna Belém do Solimões nos primeiros dias de vida. Outro ritual usado na época que nasci era a defumação com ervas, breus, cascas de árvores para espantar espíritos ruins de perto da criança. Banhos serenados com várias folhas de plantas eram utilizados para afugentar doenças.

Deixamos a aldeia para viver na cidade, mas minha mãe Assunta continuava com seus rituais de banhos e defumações. No ato do preparo ela ia me ensinando para que servia cada planta que utilizava e também a importância

das defumações numa aula que faria parte da construção da minha identidade agora na cidade, mas sem perder meus costumes e conhecimentos de aldeia.

Outra forma encontrada por minha avó de manter-me conectada à aldeia era voltar comigo anualmente a Belém do Solimões. Lembro que foi difícil adquirir o costume de sentar à mesa e utilizar garfo e faca, mas meu pai nos dizia que era preciso para podermos adentrar o universo da cidade. Então, ainda na aldeia ele nos ensinava. Como ele sabia de tudo isso? Era um homem muito viajado, fazia viagens acompanhando turistas que para nós chamamos “branco”. Abro um parêntese para dizer que a palavra “branco” se refere a aquele que não faz parte de nosso povo ou nação. Não está relacionado a cor da pele. Voltando ao assunto, assim fomos aprendendo maneiras de como nos comportar na cidade, pois, nossa forma de sentar para comer era no chão e utilizando mais as mãos que colher.

Outro aprendizado importante que recebi do meu pai foram as narrativas que ele contava. Numa de nossas idas ao lugar de contemplação, ele apontando para o rio me disse: “abaixo do que a gente vê existe uma outra cidade onde moram os encantados das águas, por isso, o boto vira gente na lua cheia, e cada tipo de boto tem sua função no mundo dos encantados. Toda vez que vamos pescar, tomar banho temos que pedir licença a eles. Mas uma vez essa territorialidade do sagrado torna-se visível na sabedoria dos povos da floresta.

Esses ensinamentos ainda mantidos hoje, contribuem para constituição de identidade, da noção de pessoa, dos valores e crenças, do coletivo social, da relação com a natureza, do respeito ao outro, do entendimento de partilha, da percepção de cada indivíduo dentro da sociedade indígena e da responsabilidade que cada pessoa carrega consigo.

O cacique sabe que a ele foi dada a responsabilidade de conduzir e zelar pelo bem viver do povo. Ao pajé cabe a responsabilidade de ser o médico da nação e proceder com a cura física e espiritual. As mulheres são as guardiãs dos saberes ancestrais e educadoras, os jovens tornam-se guerreiros, as crianças se esforçam na aprendizagem do cotidiano e a vida segue sem pressa e sem tempo de relógio sempre obedecendo o rio e sua ciência. Assim cresci e aprendi ouvindo o silêncio que em mim habita nesse Amazônico chão.

# MÃE NATUREZA

MÃE NATUREZA, TUA FORÇA O MACHADO CORTOU.,  
TERRA MÃE QUE EM SEU SEIO NOS ALIMENTOU.,  
ÁGUA SAGRADA O LIXO A CONTAMINOU.,  
O GRITO DOS PÁSSAROS O FOGO CALOU.,  
OLHA SÓ O TAMANDUÁ!!

FOI PRA CIDADE, NÃO VIU O SINAL VERMELHO E O  
CARRO O ATROPELOU., FICOU PARA TRAZ DELE SÓ O  
URUBU SE LEMBROU.,

E O QUE SERÁ DO AMANHÃ?  
ALGUÉM JÁ SE PERGUNTOU?

NATUREZA E HOMEM UMA RELAÇÃO DE UNIÃO, MAS,  
ESSE ELO SE QUEBROU.,

E O "INDÍGENA" SE PERGUNTA: SEM MATA, ÁGUA, TERRA,  
PARA ONDE EU VOU? SE ATÉ MEU SOLO SAGRADO O  
"PROGRESSO" TOMOU.,

É PRECISO PRESTAR ATENÇÃO!! E VESTIR A CAMISA DA  
CONSERVAÇÃO PARA NÃO BEBER E COMER COM SABOR  
DE POLUIÇÃO!!

## ○ CORAÇÃO DE NHANDERÚ

E do amor se fez o universo,  
Formou o chão, a natureza,  
Cada flor com sua beleza,  
Deu força e graça a correnteza.

Alguns guerreiros viraram peixes,  
Outros voaram na imensidão,  
Existem aqueles que estão na mata,  
Fazem morada, defendem o irmão.

Se da árvore corre água é porque chora  
Quando seu braço um corte tem,  
Foi uma “índia” linda e formosa,  
E por isso, dessa árvore um perfume vem.

Não se admire se um passarinho  
Dançar e cantar para acasalar,  
São espíritos iluminados,  
Que vivem para não deixar o amor acabar.

Todo dia saúdam a Nhanderú  
Com cantos e uma afinação fenomenal,  
Uirapurú encantado da floresta  
É responsável pela regência desse coral.

O que não sabem é que a mata é sagrada,  
Por ser morada de Nhanderú e Nhandecy,  
Os dois são o equilíbrio de um povo,  
Sob os olhares atentos de Yacy.

## ○ CHORO DA TERRA

Quando em mim a vida se fez  
Te moldei e te formei,  
Fui cuidando, te alimentei,  
Na velhice te abriguei.

Tu em resposta me adubavas,  
Consumia o que precisava,  
Não tinha plástico, nem poluente,  
Convivia em paz com tua gente.

Mas eu vi o progresso chegar,  
Aos poucos comecei a sangrar,  
Retalhada por fronteiras,  
Fui alvo de luta e dor,  
Poluída e enfraquecida estou.

Seguro o peso do mundo,  
Abrigo plantas e animais,  
Eu sou a herança que Mãira te deu.  
E nessa luta pela vida,  
O choro não é só meu.  
Pela vida e biodiversidade,  
Não faz maldade, pensa no filho teu.

## TERRA SEM MAL

Nasceu forte e brilhante,  
Acolhendo os seres que viviam aqui,  
Fértil gera a vida,  
Faz o bem até para quem a tenta ferir.

Sua beleza se traduz no cuidado  
De não deixar faltar o pão,  
Faz crescer o cará e a macaxeira,  
Nutre de doçura a melancia e o mamão.

Tem no rosto a suavidade de uma ave.  
De tanto peso uma corcunda criou.  
Mas é santa por ser mãe e amar  
Os que nela vivem e não param para pensar.

No verde da imensidão,  
Na cor que vem das plantas e flores,  
Porque tantos dissabores  
Em achar que a terra é ruim ou imortal?

Tem na essência a força de se renovar,  
Mas é preciso a respeitar como tal.  
Nhanderú nos deu uma missão,  
De defendermos essa beleza sem igual.  
Vivemos numa terra sem mal,  
Mas seu solo pode degradar,  
E aí? Ela sente, chora, se vai,  
Mas traz na alma a imortalidade,  
E cuida, desconsiderando tanta crueldade.

A maldade não vem da terra,  
A dor e destruição vem das mentes reais,  
Traduzida na nossa maneira de agir,  
Nós, seres racionais.

## ○ LAMENTO DA ÁGUA

Elevo a Tupã minha prece,  
Que me fez límpida e enaltece,  
Saber que mato a sede e acalmo o calor.

Rego plantas, germina a semente,  
Limpo a roupa, escuto conversa de gente,  
Sirvo de abrigo para peixes e serpentes,  
Em mim a vida se refaz incessantemente.

Mas é fato já não dá para aguentar,  
Ver meu rosto a sujeira agarrar,  
Meus olhos ardem sem parar  
Do lixo, que chega sem avisar.

Uma lata cortou meu coração,  
Sangrei tanto que secou o rio Solimões.  
Magoada pela falta de educação,  
Deixei de correr e veja só a situação.

A terra seca parecia um sertão,  
Os peixes agonizavam sem respiração,  
Até a sucuri quis fugir da devastação.

E o homem?  
Sua inteligência não fez chover,  
Ficou sem seu roçado,  
Agoniado sem saber o que fazer.

Mas ser mãe é cuidado e amor,  
E amar mesmo sem ser amada.  
Assim vou seguindo minha jornada,  
Apoiada pelo rio enfrentando os desafios.

De chorar já me cansei,  
O que será do amanhã? Não sei.  
Peço só a Deus Tupã,  
Que não me deixe desamparada.

Eita vida! E a minha vida  
Será que não serve mais para nada?  
Quero correr livre e me sentir amada.  
Esse é o lamento de uma água abandonada.

## CONVERSAS COM ENCANTADOS

Em um ritual de encantaria  
Ouvi do boto rosa,  
Que correndo para nadar,  
Deparou-se com mapinguari  
Conversando com a sucuri,  
Quis saber o que falavam  
E parou para escutar.

O saci estava preocupado  
Com a morte da Mata Atlântica.  
A sucuri desolada, culpada,  
Por comer o menino.  
Eram tantas tristezas juntas  
Que o boto seguiu seu destino.

Mapinguari o benzedeiro  
Procurava no terreiro  
Uma erva para curar o mal,  
Pião pajé, folha de jucá,  
Invocando o sobrenatural.

Rodopiando apareceu a Matinta,  
Que de medo perdeu sua tinta,  
Seu vestido se rasgou no galho do pau.  
Assustada por ver curupira virar folharau.

E o boto?  
Ah, invadiu o mundo dos mortais,  
Dançou com os racionais,  
Chamou para pensar,  
No prejuízo causado aos seres sobrenaturais.

Não basta ser real  
É preciso ser racional,  
Disse o boto rosa  
Numa mensagem ambiental.

Não jogue lixo no rio,  
Nem lata e nem jornal.  
Sinta o aconchego da natureza  
Num abraço maternal.

## PISANDO NA HISTÓRIA

No chão do meu passado,  
Vejo a nação ecoar  
Um canto de resistência  
Dos espíritos daquele lugar.

Cantam do fundo da terra,  
Em meio à cerâmica milenar,  
Cantam sentindo a dor,  
Por uma história  
Que teimamos em pisar.

Esquecendo que ali está,  
Pedços do nosso Brasil,  
Dos donos desse lugar,  
Ao relento, exposto ao frio.

Nos artefatos o registro,  
De quem por ali passou,  
Os valentes Aikewara,  
Que na terra seu registro enterrou.

Pisei no chão da história,  
Toquei num pedaço da memória,  
Da luta de quem caminha,  
No parque das Andorinhas.

## COCAR: IDENTIDADE OU FANTASIA?

O cocar para o indígena não é só adorno,  
Representa a nação que ele carrega,  
Cada povo tem sua representação,  
Que se vê na beleza da confecção.

As penas que nele é usado,  
É coletado com todo cuidado,  
A lua faz a ave trocar de pena,  
E o indígena colhe e armazena.

Em um cesto tecido com palha,  
Essa pena é muito bem guardada,  
Para adorno e flecha é usada,  
Que embelezará a bela morena.

Cocar não é fantasia,  
É elemento cultural,  
A pena representa a liberdade,  
Do ser, da identidade.

Como o pássaro que voa aonde quer,  
O indígena também se vê igual,  
Na aldeia ou na cidade,  
Afirma-se sem perder seu ideal.

Sejam elas pequenas ou grandes,  
Tem em si um significado de valor,  
Com suas penas e grafismos,  
O indígena mostra que é mestre e doutor.

Quando usado pelo povo,  
O cocar tem valor sem igual,  
Seu peso está na responsabilidade  
De levar o conhecimento ancestral.

Se usado de qualquer maneira,  
Sem conhecer o seu real valor,  
O cocar perde a magia,  
Aí se torna adereço de fantasia.

Não se usa uma pena por usar.  
O cocar concentra energia  
Por isso é sagrado e tem magia.  
Dos mais velhos aprende-se respeitar e zelar.  
Salve a força do cocar.

## ○ ABRAÇO DE BOIASSÚ

Na calada da noite  
Sem o brilho da lua  
Um barulho anuncia  
Vem perigo acolá.

Prepara a poronga,  
Aponta a espingarda,  
Pode ser uma onça  
Que vem nos pegar.

O vento traz o cheiro  
Já vi que não é gente,  
Nem é curupira  
Querendo me enganar.

Matinta não gritou  
Escondeu-se no véu preto,  
Quando viu a serpente  
Se preparando para atacar.

Olhos vermelhos  
Hipnotizaram mapinguari  
Que de medo correu até sumir.

Mas não perco boiuna,  
Vamos brigar bem aqui,  
Num abraço apertado  
Ela quis me engolir.

Foi uma hora de tempo  
Unidos por um abraço,  
Imaginei que meu corpo  
Fosse ficar em pedaços.

Boiuna ficou zangada  
Pela matança dos animais,  
Destruíram com a floresta  
Sua família não viu mais,  
Desolada só queria vingar-se  
Dos mortais racionais.

## AMAZÔNIA

Quem vem aqui caçar,  
Não vê o que encontra,  
No mergulho dessa onça,  
Amazônia me encanta.

No meio desse imenso verde,  
Tem um coração que sangra,  
Da mãe que de todos tem cuidado,  
Com alimento, água e sombra.

Vamos respeitar a vida,  
Respeitando a Amazônia,  
Com a caça predatória,  
Aumentará a devastação.

Diga não à poluição,  
Do rio, mar e igarapé,  
Sinta a beleza da natureza,  
No banheiro do rio e na onda da maré.

Não se deve duvidar,  
Do poder da natureza,  
Se ferida nos castiga,  
Com desastre e muita dor.

Vem ser um defensor,  
Dos segredos que ela tem,  
Dos animais, rios e plantas,  
Obra prima do Criador.

## CHÃO KAMBEBA

No canto que sai de ti,  
Sinto o amor fluir,  
Vem ser o meu bem-querer,  
Sou Kambeba resisti.

Minha dança guardei para mostrar,  
Essa terra, meu chão é meu lar,  
Sou Kambeba e não vou negar  
Eu voltei para lutar.

Pela cultura da minha nação,  
Minha luta é de paz e união,  
Minhas mãos desarmadas estão,  
Busco minha afirmação.

Na união com os povos eu vou,  
Nas pinturas revivo quem sou,  
No meu canto, encanto de amor,  
Sou Kambeba sonhador.

Minha história se cristalizou,  
Minha língua em silêncio ficou,  
Minha aldeia o progresso tomou,  
Resisti ao opressor.

Hoje canto e danço para ver,  
Esse povo voltar a dizer,  
Sem vergonha de ser o que é  
Sou Kambeba e tenho fé.

## UYCA TYERA (CORAÇÃO FORTE)

Iky tana awa indígena  
Sany indá rytama iauacima  
Auy iawatima may-sangara,  
Suqui rapé supy guirini nimunui.

Iapã curata tana caiçuma  
Tana paz iky ianucatai  
Ipama aua Assurini sany iacaca  
Tanu guirini ury ipuraqui.

Anawê! Taxira aiua cumyssa!  
Rura taxira uyca tyera, anawê, anawê!

## TRADUÇÃO

Que nossa nação indígena  
Venham o canto na cidade ecoar,  
Já chegaram os ancestrais  
Fumando rapé para os guerreiros soltar.

Vamos beber nossa caiçuma  
A paz queremos mostrar,  
Levanta nação Assurini e vem lutar,  
Nossos guerreiros viemos buscar.

Minha flecha é a palavra,  
Trago no meu forte coração  
Um anawê a libertação.

## ○ TEMPO DO CLIMA

E houve um tempo  
Onde dançavam as borboletas,  
Na grama verde pousavam para descansar  
E ouvir o canto do vento ecoar.

Houve um tempo em que o sol  
Brilhava mais forte,  
Clareando o caminho com paz e bem,  
Amadurecia o fruto,  
Não prejudicava ninguém.

Houve um tempo  
Em que a terra no seu esplendor,  
Alimentava o mundo com alegria e amor,  
Dela brotava a planta, tinha respeito e valor.

Houve um tempo  
Em que a lua virava Naiá,  
E o sol se escondia para essa dama brilhar,  
Na noite escura ela chamava as encantarias,  
Protetores da mata, rio e mar.

Mas o homem, filho da terra,  
Que por ela foi moldado,  
Escravidado na arrogância,  
Dinheiro, um pecado,  
Secou o rio, retalhou a terra,  
Deixou tudo mudado.

Espantou os animais,  
Enganou os encantados,  
Arrancou a samaumeira,  
E os pássaros desesperados,  
Procuraram uma morada,  
Só viram um descampado.

O sol ficou furioso,  
A pele fez arder,  
A lua entristecida  
Num eclipse se escondeu.

A água não teve pena  
De quem dela se esqueceu,  
Deixou de correr  
E em uma barragem envelheceu.

A inteligência humana  
Não parou de atacar,  
A queimada e derrubada  
Afetaram até o ar,  
Respirar é um problema,  
A fumaça não vai parar.

O clima foi alterado,  
Meu rio mudou o rumo,  
Minha roça secou no verão,  
Perdi até meu fumo,  
A aldeia não viu mais peixe.  
Cadê o pirabutão?

A macaxeira não criou raiz,  
Minha aldeia virou sertão,  
Da fonte que eu bebia  
Restou a recordação.

Sinto cheiro de poluição  
Envenenando a nação,  
Para ajudar o clima  
Precisamos do tempo  
Só o velho ancião  
Pode controlar a máquina da destruição.

## IUIRIA

Muki Uka tana usutá iquiriari.  
Ruaia manuta iuiria rana tana itipu.

### **Tradução:**

Com a nossa casa vou sonhar.  
Não apague a mata ela é nosso lugar.

O esplendor da grande floresta  
Que o fogo desbotou,  
Abafou com a fumaça  
O grito que ela soltou.

Violentaram sua pureza,  
E como vítima de assédio,  
Viu um cedro virar prédio.

E o solo transformou-se  
Em asfalto de trator,  
Compactaram seu coração,  
Meu verde virou carvão.  
Mas a mata é nossa casa,  
Uka tana é um clamor.

## PALAVRA DO POVO OMÁGUA

Palavra que me encanta,  
Que me comove,  
Que me espanta,

Palavra levada pelo vento,  
Que traduz um pensamento,  
Palavra escrita no tempo.

Palavra que conta uma história,  
De luta e de vitória,  
Palavra guardada na memória.

Palavra desenhada em uma paisagem,  
Que a fotografia transformou em imagem,  
Dos Omágua uma bela miragem.

Palavra escrita na luta,  
Com sangue, na dor e na guerra,  
Palavra dos filhos da terra.

Palavra escrita na água,  
Que nem o tempo  
E o esquecimento apagam,  
Palavra do povo Omágua.

## BANDEIRA DE PAZ

Meu pensamento voa sem direção,  
Por entre as verdes folhas  
Iluminados pelo verão,  
Calor que seca as lágrimas  
Que banham meu coração.

Choro por ver o povo na segregação,  
Choro pela falta de estratégia e união,  
Choro pelo amanhã,  
Vendo a aldeia ser palco de devastação.

E minha cultura tão rica e bela,  
Vejo passar como a multidão pela janela,  
Minha memória foi trancada em uma cela,  
Servindo apenas para desenhos em aquarela.

Caminho longo percorrido por meus pais,  
Gerações lutaram pela cultura  
Que deixei para traz.

O grafismo a juventude não usa mais,  
Estou em 2035  
E minha memória ainda é capaz.

De buscar um amanhã mais sereno,  
Promovendo a reflexão,  
De pensar em resistência  
Unindo esse povo irmão,  
Na certeza de que a cultura  
Terá uma continuação.

Pensem no sangue  
Que derramaram os ancestrais,  
Na coragem dos guerreiros,  
Na beleza da sabedoria  
Que vem das memórias reais.

Na chama que aquece o frio  
Na cruz que nos tirou a paz.  
Genocídio Cultural?  
Não permitiremos jamais.

# IDENTIDADE

Minha indianidade,  
Meu caminho na cidade,  
Meus cabelos longos,  
Carregam minha identidade.

Identidade que represento  
Com clareza na afirmação,  
Com orgulho na minha alma,  
Resisto à negação.

Negação de ser indígena  
E assumir a vida na cidade,  
No direito de poder vencer,  
Convivendo com dignidade.

Mas o preconceito é vilão,  
E vem feroz como jaguar,  
Como flecha acertou o meu ser,  
E meu cabelo o “branco” me fez cortar.

Para conseguir um emprego,  
Essa dor tive que passar,  
Cortei não só o cabelo,  
Mas a magia que nele podia mostrar.

A tristeza que sinto agora,  
É maldade do opressor,  
Que sabendo da minha luta,  
Uma ordem me passou:

Para trabalhar aqui,  
O cabelo vai ter que cortar.  
Mas a minha identidade,  
Essa ele não conseguiu apagar.

Expressa no meu canto,  
Na minha flauta a tocar,  
Canto a solidão,  
Para aldeia quero voltar.

Comer caça do mato,  
Pescar com meu irmão,  
Cantar na minha língua,  
Sem ser motivo de gozação.

## TAMBOR NOSSA COR

Menina vem cá! Já vou já!  
O que queres que dance?  
O sagrado do lugar.

Pelos rios e igapós,  
Nosso canto caminhou.  
E do tronco da sapopema,  
Meu tambor assim ecoou.

Chegou a cunhã filha de Tupã,  
Até o terreiro cantou.  
Ao som do curimbó Iaçã se aproximou,  
Escutou, alegrou e a saia balançou.

Chamou os povos e ancestrais,  
A força e resistência no amor.  
No terreiro ou no quintal  
O tambor é nossa cor.

## POROROCA

Quando o sol encontra a lua  
A mãe d'água *Miracy - tua*,  
Vem um duelo travar.

Nessa luta envolvente,  
O mar chega imponente,  
Mandando o rio recuar.

Começa a dança da conquista  
Com uma força que assusta,  
A onda começa a se formar.

Um estrondo se escuta,  
É o grito do rio,  
Invadido pelo mar.

E quando o mar declara guerra,  
É questão de hora e meia,  
Para a luta terminar.

O mar segue seu caminho,  
A Yara com um assobio,  
Anuncia que a pororoça vai passar.

## RESISTÊNCIA INDÍGENA

Quando as expedições aqui chegaram  
Nesse solo meus pés já haviam tocado,  
Meus cabelos cobriam meu corpo,  
Com as palhas fazia um trançado.

Homens altos, vestidos,  
Com arma na mão,  
Meu povo correu, se escondeu,  
Que confusão!

E numa conversa estranha,  
Começava um perde e ganha,  
Nossas casas invadidas  
Pela espada da ambição.

Resistimos a uma guerra  
De dizimação e epidemia,  
Escravidão e exploração,  
Maus tratos que covardia.  
Falavam em nome de um Cristo,  
Qual Cristo? Não se via.

Como mulher sofri  
Vendo o povo lutar,  
Vejam só que invasão,  
Invadidos sem pensar  
Que o sofrimento ora sentido  
Ia por anos se arrastar.

Os abusos e violências  
Não ficaram para traz,  
Vários anos se passaram  
Ainda ecoa nossa voz.

Sou indígena tenho alma,  
Sou a riqueza, sou a nação,  
Não sou enfeite, nem objeto,  
Sou a barriga da gestação,  
Que gestou em ti cultura,  
Contribuindo com a miscigenação.

Na minha alma feminina,  
Trago a letra da canção,  
São vozes que gritam alto,  
Com suavidade e beleza.  
Sou mulher, sou povo,  
Sou rio, sou natureza.

Cada canto em sua língua,  
Identidade que em mim ressoa,  
Sou cultura, ancestralidade,  
Sou sabedoria, eu sou pessoa.

## ANCESTRALIDADE

Eu venho da grande floresta,  
Do rio, minha festa, quero a vida cantar.

Nosso grito na cidade ecoou,  
O canto dos povos estrondou,  
Guerreiros aguerridos,  
Vem vindo para se unir.

Na terra que o sangue banhou,  
Uma nova geração levantou,  
Com garra e coragem,  
Luta e canta sua nação.

Revive o que de fato é seu,  
A cultura desses povos não morreu,  
Na pele grande tela,  
O grafismo é nossa voz.

Na pena um significado singular,  
A liberdade que se tem  
Como pássaro a voar.

A ancestralidade pede paz,  
Ela é a força da identidade,  
Na aldeia ou na cidade,  
Nossa uka não se desfaz.

## RESISTÊNCIA KOKAMA

Na resistência de um povo,  
Sinto a força que se espalha como rama,  
Na cultura que se entrelaça de um jeito novo,  
Vejo a sabedoria nos olhos do povo Kokama.

Resistência dos que falam de uma história,  
O valor de ser Kokama ficará na memória,  
Onde os curumins aprenderão a valorizar  
A identidade que de sangue o “outro” veio manchar.

Luta e canta, grita forte,  
Essa geração que vem do Norte,  
Sem medo de se afirmar,  
Na aldeia ou na cidade  
Kokama reaparece para lutar.

Pela igualdade,  
Pela cultura na cidade,  
Pela arte que é milenar,  
Unidos, Kokama, Kambeba, Tikuna  
Vem! Mostra que és dono desse lugar.

## INTERVENÇÃO HUMANA

No território em que habita,  
O homem como ser animal,  
De todos é o mais perigoso,  
Pelo seu diferencial.

É dotado de inteligência,  
Tem o domínio da ciência,  
É um ser sensacional,  
Homem de grande sapiência.

Domina a fala e a escrita,  
Constrói a morada onde habita,  
Defensor da ética e da moral,  
Faz o bem e faz o mal.

Mas destrói a natureza sem pena,  
E nessa intervenção humana,  
Contribui para um desastre total.  
Não destrói com tua vida.  
Pensas que és imortal?

## AMOR DE BOTO

É no chuá, chuá.  
Vem no luar, luar.  
Boto faceiro navega  
Suave no meu rio mar.

Bonito, charmoso, sempre solteiro,  
Todo de branco  
De chapéu é seresteiro,  
No seu gingado faz a moça apaixonar.

Surge da água, da cidade encantada,  
Vem todo prosa encontrar sua amada,  
Sabe o que quer e seduz com olhar.

A *wayna cuyra* logo é ensinada,  
Que nesse rio o boto pode estar,  
Escondido, espiando a pequena se banhar.

Seus olhos faróis,  
Parecem o luar,  
Que reluz com o desejo de amar,  
Amor de boto rodopia para encantar.

## AMAZÔNICO CHÃO

A Amazônia brasileira,  
É lar para o caboclo e indígena,  
Chegaram bem cedo,  
Na simplicidade e sem intromissão,  
A natureza sempre formosa,  
Os acolhia no seu belo salão.

Nas barrancas do Solimões,  
A natureza é menina donzela,  
E como seres mortais,  
Nós somos parte dela,  
Nos dá sombra e água fresca,  
Das criaturas é a mais singela.

Para construir seu cantinho,  
O ribeirinho pede auxílio a ela.  
Para o esteio usa maçaranduba.  
A madeira de cedro para fazer a janela.

A parede e assoalho são de paxiúba,  
A cobertura é ofertada por ela,  
Com a palha de urucari  
Cobre a casa, seu pequeno tapiri.

Para o café da manhã,  
Banana com chá de canela.  
O açúcar é extraído da cana,  
Com argila se faz a panela,  
Quem prepara o alimento  
É Assunta, Avelina e Micaela.

Na vivência com os daqui,  
Reunidas faziam a farinha,  
Para essa festa chegaram  
Maria Helena e dona Chinha,  
Dona Delma e Simona,  
Irmã, afilhada, comadre e madrinha.

Nessa grande festa,  
Nesse belo salão,  
Convivem os povos da Amazônia,  
Unidos em mutirão,  
Cantando tecem sua história,  
Entrelaçados nesse amazônico chão.



## A DANÇA DO AMOR

Lá vem o passarinho  
Com passo bem miudinho  
E vem de lado, de ladinho,  
Estufando o peito para dançar.

A dança do amor,  
Que na beleza de sua cor,  
Vê-se uma dança sensual,  
O ritual do macho,  
Num esforço fenomenal.

A fêmea chega de mansinho,  
Observa o passarinho,  
Canta pedindo carinho,  
E um beijo sedutor.

Começa a dança da conquista,  
E no dois para lá e dois para cá,  
Um piruetas e um canto  
Demonstram a magia desse encanto.

Até para o passarinho  
O amor requer um tempinho,  
Um esforço para conquistar,  
E o acasalamento iniciar.

O mistério da natureza  
Deve ser admirado,  
O encontro entre dois passarinhos  
Precisa ser respeitado,  
Na pureza do amor,  
Esse enlace é revelado.

## MEU VELHO RIO

Saudades do velho amigo,  
Dos dias que passei lá,  
Saudades de ouvir seu grito,  
Chamando pra conversar.

Nas pedras me manda sinais,  
Eu os compreendo bem,  
O banzeiro desvenda memória  
De quem tanta história tem.

Sentada às vezes só,  
Sozinha a observar,  
O céu de imensidão,  
E um rio velho a passar.

É que as pedras falam,  
Do futuro do velho irmão,  
Conselhos desse sábio  
Banzerando meu coração.

E o rio nos dá exemplos  
De solidariedade e amor,  
Do menor ao maior  
Vê em todos grande valor.

Até para fugir do estouro do boto,  
Os peixes precisam se unir,  
Cardumes pulam ligeiro  
A vida vai prosseguir.

Prossegue a nossa história,  
Nosso ser precisa entender,  
Que o rio nos ensina saberes  
Que teimamos em desconhecer.  
É no silêncio que o velho amigo,  
Faz-se em encanto conhecer.

MEMÓRIAS DE SÃO PAULO  
DE OLIVENÇA = AM  
(cidade onde cresci)

Nasci nas barrancas do Solimões,  
Cresci vendo borboletas aos milhões,  
Perto de casa uma goiabeira,  
Que apanhava e vendia lá nas freiras.  
Cupuaçu, Tucumã, Mapati,  
Sinto falta de comer isso aqui,  
Sentada nas barrancas vendo o tempo passar,  
Pescando mandi para o tempo enrolar.  
À noite a lua convidava  
Para sentar na porta e conversar,  
Ouvir histórias de assombração,  
Contadas por meus avós,  
Com direito à repetição.  
Domingo em São Paulo de Olivença,  
As praças ganham vida,  
Os enamorados ocupam os bancos,  
As velhinhas cochicham entretidas.  
Começa a missa do domingo,  
A igreja louva o Senhor,  
Termina a reza da noite,  
Na pressa para casa eu vou.

Ouço um grito que vem lá do quintal,  
É minha mãe me chamando para entrar,  
Já acabou a missa menina,  
Entra! Amanhã você vai estudar.

Em junho a cidade se enfeita,  
O festejo já vai começar,  
São Paulo é o padroeiro,  
Tem forró e fogueira no ar.

Esse também é o mês da friagem.  
Arrumam às bandeiras,  
Para no mastro colocar.  
Tem forró e levantação no tio Lili,  
No tio Isidoro o almoço é para quem chegar.

Tia Zuzu vem toda arrumada,  
Tia Nazaré traz alegria no pé,  
São as damas que abriam a festa,  
De São Paulo, São João e São José.

Essa é a memória que tenho,  
De uma cidade  
Que em mim provoca emoções,  
De menina à mulher,  
Acompanhou minhas transformações.  
São Paulo em tuas ladeiras  
Estão minhas recordações.

## TERRITÓRIO DA DANÇA

A arte expressa beleza  
Faz o corpo sagrado falar,  
Movimentos que trazem mensagem  
Expressão de uma arte milenar.

A dança carrega cultura  
No corpo informação faz brotar,  
A dança merece cuidado,  
Permissão para no território adentrar.

O território do saber está em nós,  
O negro e o indígena sabem bem,  
Suas danças evocam os seres espirituais,  
Aprendamos com eles nós também.

Os rituais são sagrados,  
Os pés no chão vão tocar  
Saudando a deusa mãe terra,  
Com o corpo arqueado  
O tambor vai cantar.

Não se pode esquecer  
Que do povo Negro veio  
Entre tantas danças o frevo, samba,  
Capoeira, pagode, maracatu, afoxé.

O indígena deu sua presença  
No carimbó e maculelê.  
Salve a força que guia,  
Permissão aos seres espirituais  
Para movimentar o nosso corpo,  
Que é o templo das artes ancestrais.

## ○ PESO DO PARÁ

Ver-o-Peso do vinho de açáí,  
Com peixe frito e farinha,  
Deixa eu provar maninha,  
Mas quando! Prova aí.

Ver-o-Peso de todos os cheiros,  
De todos os gostos,  
Essa riqueza tem aqui.

Venha ver as garrafadas,  
Que espanta mau olhado.  
E o banho preparado  
Com ervas medicinais.

Por isso te aquieta maninho,  
Anda bem de mansinho,  
Pois tu sabes como é.  
Corre longe da mandinga  
E do pó do Tamancoré.

Se sentir uma leseira,  
Um amor descontrolado  
Não é caso para doutor,  
É um feitiço arrochado  
Que a pequena te lançou.

Esse é o Ver-o-Peso,  
Das rodas de amigos,  
Dos encontros marcados,  
Dos que buscam a história  
Nos retratos tirados.

E perto do rio,  
O barco passando,  
O vento faceiro  
Com um beijo ligeiro,  
Assanha o cabelo,  
Sem licença pedir.

## VERDE MUNDO

Não pense que invadi seu habitar,  
Que cheguei sem avisar,  
E que vim para incomodar  
Por não ser igual a você.

Não, eu sou filha da floresta,  
Cheguei cedo para essa festa,  
De encanto e amor. E o senhor?  
Entrou no salão desafinando a orquestra.

Quebrou o maracá de cabaça,  
Fez engenho e cachaça,  
Trouxe gripe e muito mal.

Mexeu com a cor do universo,  
Até o clima se alterou. E o progresso?  
Só sei que para meu verde mundo ainda regresso.

## MURUCUTUTU

Da mata sai um canto  
Que para alguns é um sinal,  
Vem acompanhado de tristeza  
Alguém se foi ou passa mal.

Outros falam que são espíritos  
Que em vida não fizeram o bem,  
Por castigo ficaram na terra  
E como pássaros cantam para além.

Além da vida, onde vivem os imortais,  
Cantam do alto das árvores  
Espantando os animais.  
Ou será um pássaro feiticeiro  
Visitando os quintais?

Canta murucututu teu canto só faz bem,  
Mensageiro do sonho, no sono do curumim,  
Como velho sábio a mensagem de ti vem,  
É símbolo de sabedoria, fonte de magia.  
Canta murucututu  
E encanta de amor àquele que não tem.

Murucututu, da beira do rio  
Porque veio para cidade?  
Enfrentando a claridade,  
Os fios da eletricidade,  
Foi a fumaça que te expulsou?

E por que cantas meu bem?  
Será de alegria ou de tristeza  
Por tanta malvadeza  
Que o homem te causou?  
Murucututu na lua cheia,  
Cantou e encantou.

## VIDA DE RIBEIRINHO

Quem pensa que o ribeirinho  
Leva uma vida pacata,  
Precisa ter a vivência,  
Conhecer antes de falar  
Que aqui nas barrancas  
A vida passa devagar.

Tem o período das enchentes  
Trabalheira pra danar.  
Primeiro faz-se a maromba  
Para o gado não se afogar.

A casa vira uma arca  
O ribeirinho vira Noé,  
Conviver com animais,  
De intruso o jacaré.

É porco, galinha,  
Jabuti, andorinha,  
Até pela cozinha  
Tem um papagaio a falar:  
Olha enchente!  
Eu não quero afogar!

Baixou a água,  
A bicharada  
Para terra vai voltar,  
Tudo vai se arrumando  
Cada bicho no seu lugar.

É hora de cuidar do prejuízo  
Trocar a palha e a madeira,  
Plantar a roça na várzea,  
Fazer farinha de macaxeira.

Na seca outra missão,  
Pegar água é um tormento,  
Secou o rio, o canal fica lamacento,  
O trapiche ficou longe  
Um ajuri para fazer escada com corrimão.

Antes quando vinha a seca  
Tudo era diferente,  
Não se tinha peixes morrendo,  
Tempo bom para trabalhar.

Mas mexeram no clima,  
Derrubaram a vegetação,  
Hoje a seca e a enchente  
Causam grande destruição.

Muito lixo nos canais,  
Atrapalhando o caminhar,  
Poluindo nossas águas,  
Ficou difícil de banhar.

E ainda há quem pense  
Que ribeirinho vive à toa,  
A lida não é fácil,  
Não se tem vida de patroa.

Só que o ar é mais puro,  
A comida é saudável,  
Não há correria até a condução,  
A canoa está ao dispor,  
Meu trocado carrego na mão.

Adoeceu? Tem a rezadeira.  
Remédio vem da mata,  
A beleza que temos cá,  
Faz-nos cuidar do que resta,  
Essa é a vida na floresta.

## SEGREDOS DO RIO

Contou certa vez o rio,  
Que calmo, mas correndo a fio,  
Leva segredos até o mar.

Nas pedras o encontro,  
O aconchego do frio,  
O sopro do vento,  
O pássaro e seu assobio,  
Memórias de um navegante,  
Na remada o desafio.

Ouviu histórias do curupira,  
Que cansado de lutar,  
Enganou até sua sombra  
“Pra modo” não arriscar  
Perder sua casa verde,  
Ficando ao Deus dará.

Na sabedoria que a natureza revelou,  
Batendo nas barrancas,  
Na remada do pescador,  
Segredando desce o rio  
Manso e calmo feito flor.

Mas se agita e fica bravo  
Com o descaso e desamor.  
Esse é o rio que me formou.  
A energia que tudo move  
Vem das águas, vem do amor.

## NO PENSAR DE WAIMÍ

Cresci cabeça-chata,  
Nas entranhas da mata me criei,  
Aprendi a correr entre troncos,  
E como peixe eu também mergulhei.

Convivi com encantados,  
Conversei com yawaraté um bocado,  
Cantei com Yara mãe d'água,  
Com boto rosa, até fomos namorados.

Minha flecha e meu arco ganhei,  
Presentes do grande pajé,  
De sangue a flecha sujei,  
Para viver e manter-me de pé.

Esse tempo ainda era de paz,  
Mesmo tendo que me defender.  
Agora já não sei o que fazer,  
Até Yara cantar já não quer mais.

Curupira não saiu da floresta,  
De tristeza a aldeia não visitou,  
A zana ficou sem informação,  
E não sabe se vai chover na plantação.

Que desilusão!  
Ver que tudo está cada dia pior,  
Antes o povo mudava de lugar,  
Para deixar a natureza se renovar,  
E o caminho da aldeia retomar.

Na volta o solo tinha descansado,  
A plantação ia crescer  
Sem precisar adubar.  
A água estava fresca e purinha,  
Até os peixes vinham recepcionar.

Era assim que os povos faziam,  
Em uma relação de bem-estar.  
Mas agora veio um tal desequilíbrio,  
Peixe, água, terra, mata é ouro  
E para ter precisa comprar.

No meu tempo era só ir ali e pescar,  
Quem não tinha nada,  
Fome também não passava.  
A caça era dividida com todos,  
Porque na cultura indígena  
É preciso saber partilhar.

Era assim na aldeia que eu tinha.  
É assim na aldeia que eu fui visitar,  
União é partilha todo dia,  
Como velha eu só posso aconselhar.

Veja como os povos vivem.  
Desrespeitando a natureza,  
O desequilíbrio só tende a piorar.  
Olha a chuva! Já não quer mais molhar.  
O jeito é fumar rapé e a saysara espantar.

## CAMINHO DE RIO

Caminho de rio, caminho de rio.  
Desliza macio, caminho de rio.

A floresta canta sem parar,  
Louvando o rio a passar,  
As folhas caem para olhar,  
O velho sonhador que se arrasta para o mar.  
Caminho de rio

O calor do verão quer te queimar.  
Caminho de rio  
A força da piracema vai enfrentar.  
Caminho de rio

Molha o boto devagar.  
Caminho de rio  
Me ensinou a mergulhar.  
Caminho de rio

Sem intervalo e nem parada,  
Derruba barrancos e galhadas,  
São sedimentos dessa jornada,  
Que constrói e desconstrói a nossa estrada.

Caminho de rio, caminho de rio.  
Vou seguindo na remada. Caminho de rio!

## ENCANTO DA FLORESTA

Canta floresta canta como pássaro.  
Canta floresta um canto para ninar.

O barulho da folha seca  
Amassada começa a chorar,  
Mas a lágrima dessa folhinha  
Faz a semente na terra brotar.

A chuva que chega à tardinha,  
Vem com a mata à festa celebrar,  
É bendita essa deusa e rainha,  
Até a mãe d'água vem reverenciar.

A passarada acorda a bicharada,  
Para o banho de sol tomar,  
E o rei majestoso e brilhante,  
Ilumina e aquece o lugar.

Minha floresta tem mistérios e encanta,  
Nesse encanto pelo canto vai mostrar,  
Que precisa ver seu verde sempre vivo,  
Para o ciclo da vida continuar.

## CAMINHO DA VITÓRIA RÉGIA

Em cada lugar, em cada olhar,  
Em cada florescer, lá vem ela iluminar.  
Sua pele verde, refletindo seu ser,  
É rosa na flor, beleza e graça tem para dar.

Naiá da rosa a cor pegou e não pediu,  
Fez um belo cocar e com a flor se vestiu,  
É estrela do rio, mas, vira cunhã ao luar.

Como bailarina rodopia ao dançar,  
Naiá flor menina tua sina é ficar  
Bailando suave, conversando com a igara,  
Embelezando a água preta, barrenta e clara.

Passeia serena pisando macio,  
O beijo do vento causa arrepio,  
Naiá um acalanto, o rio a despiu.  
Canta um canto verde  
Da Amazônia para o Brasil.

## ○ CANTO DOS GUARÁS

Eu juro que vi  
Guarás no braço do pau,  
Esperando a Matinta  
Preparar um gostoso mingau.

La vem o maguari  
Com a pinta de ser imortal,  
É filho do pajé,  
Seu canto espanta espírito mau.

Dessa terra eu sou  
Filha amada, a nação consagrou,  
Sou Amazônia morena,  
Sou o chão que o indígena pisou.

E no canto guará  
A energia vem do criador,  
Voa alto e diz:  
Por amor sou vermelho na cor.  
É o guará cantador.

## SONS DA MATA

Quando a vida era vida  
As árvores falavam,  
Sabiam cantar  
E com seu som  
As ondas se balançavam.

Mas o homem sem amor  
Seu caule um dia cortou  
Dela caiu lágrimas de dor,  
A mata então se calou.

Por amor a humanidade  
As árvores não conservaram maldade,  
De seus olhos sementes brotaram  
E trabalhadas em sons ecoaram.

Chocalhos de seringas,  
Canções de amor e paz,  
Levadas pelo vento  
Num movimento diz:  
Afasto de mim o machado voraz.  
Socorro e proteção a mãe dos ancestrais.

## CHEIRO DO ENCANTO

Aprendi desde pequena  
Os encantados sentir,  
Pelo cheiro lá de longe,  
Me preparo para ouvir.

Percebo que a Matinta  
Cheira mais que uma flor,  
Seu assobio é um golpe de açoite  
Da dama de preto, andarilha da noite,  
Em quem suja a paisagem  
Que a natureza pintou.

O cheiro da Yara mãe d'água  
É de lama, de fruto, de amor,  
Meio peixe na essência  
Enlouquece o menino pescador.

A musa da mata tem cheiro  
De mucura caá.  
Seu perfume é curativo,  
Faz a dor de cabeça passar.

É o saber do lugar,  
É o respeito a quem luta para resistir.  
É o cheiro de lá,  
Que mantêm tudo em paz por aqui.  
Sinto cheiro de encanto.  
De onde vem?  
Só o silêncio nos faz ouvir.

## POVO FLUTUANTE

Nas margens do rio  
Vivem os povos das águas  
A vida com desafio.  
Acordam com a natureza,  
Ao som de aves, assobios.

A rua tem eco de remada,  
O transporte deslizando vai.  
Canoa, remo, estrada molhada,  
Que na mão do menino  
É sabedoria de uma jornada.

A casa feita de madeira  
Para flutuar precisa do açacu.  
Flutua bela na água  
E da janela a menina  
Alimenta o pirarucu.

As crianças cedo aprendem  
A confiar em quem lhes viu nascer.  
Jogam-se sem medo  
Na escuridão das águas.  
Mergulham sem pressa  
No rio que lava o corpo, protege o ser.

A vida flutuante  
Na sua territorialidade de lugar,  
Vê no rio o sustento e morada,  
Amigo, pai e companheiro de caminhada.

## LAMENTO DA TERRA

Ao som de tambores e flautas,  
A Mãe Terra vem falar.

Minha pele foi rasgada  
Minha alma se cortou.  
No meu grito de agonia  
O meu sangue derramou.

A memória dos meus filhos  
Homem branco afetou.  
Por milênios enterrados  
Em meu solo se entregou.

Entenda homem branco  
Esse lamento é de dor.  
Está doendo, estou morrendo,  
Por tua falta de amor.

Quero amor, quero paz,  
Sou a terra dos mortais,  
Pela força do viver  
Deixa meu verde florescer.

## CANTO DO UIRAPURU

Tana indá uirapuru,  
Sany supy tana ritama.  
Rikú uica Tupã topã.  
Nukata iuiria, tuiuca, uni, iacy.

Indá supy Aracy ipanuca,  
Inê putyra iki sary iuiria.  
Upaca sany iapuraxi muki aua,  
Iapã yunukata puna enoncatu

## TRADUÇÃO

Nosso é o canto do uirapuru,  
Venha para nossa aldeia.  
Temos a força do deus do trovão,  
Da mata, da terra, da água e da lua.

Cantar para Aracy no alvorecer,  
Você é a flor que está sobre a floresta.  
Acorda e vem cantar com a nação,  
Vamos dar as mãos a preservação.

## TERRITÓRIO, IDENTIDADE, MEMÓRIA E CULTURA DOS POVOS DA TERRA

Buscar conhecer seu passado histórico, partilhando conhecimentos e saberes, tendo como ensinamento a experiência dos que são a memória viva. Viver a afirmação étnica baseada no reconhecimento de um povo e lutar por reivindicações que contribuam de certa forma para uma coletividade é nisso que consiste a luta, identidade e a cultura dos povos indígenas. O território é o lugar onde se tem uma rede de relações envolvendo saberes: econômico, sociocultural, político e por isso é sagrado.

A natureza é mãe e nos alimenta, por isso, há por parte das populações indígenas e dos que vivem às margens dos rios uma preocupação quanto ao tratamento que se está dando a esse recurso preciso a humanidade. Pensar a natureza de forma sustentável é uma prática há séculos executada pelos povos da terra. O fato de mudar a aldeia de lugar era sem dúvida uma forma de fazer com que o solo entrasse em um processo de pousio e a natureza pudesse se renovar. Não produziam lixo em excesso uma vez que sua alimentação era à base de tubérculos, frutas, animais, peixes e o seu lixo era transformado em adubo deixando o solo mais propício ao cultivo de suas plantações ou como se diz no interior “adubado”. Esse solo tempos mais tarde ganhou um novo nome “terra preta de índio”. Pesquisas indicam que esse solo tem um PH equilibrado proporcionando uma boa agricultura e só existe onde há presença de sítio arqueológico.

Esse foi o legado deixado a nós pelos primeiros habitantes dessa terra os povos indígenas. Cuidar do solo, da natureza, retirar dela o necessário para a sobrevivência entendendo que o respeito deve ser mútuo. O equilíbrio da terra depende em grande parte de nossas ações e reações, portanto de nosso equilíbrio.

Entende-se a partir desse olhar o lugar como um espaço de boas relações entre os povos que em sua sabedoria guardam segredos da natureza e os ensinam aos mais jovens através das narrativas, da oralidade, mesmo que a educação pela escrita seja uma constante na aldeia, ainda assim a transmissão oral é mantida pelos mais velhos.

A educação na aldeia não segue os padrões de sala de aula é um aprender sem pressa, na calma e sem tempo de relógio. Ensinar a

pescar, a remar, a fazer a roça, a produzir a farinha, a construir a casa, tecer a palha, preparar o pajauaru, caiçuma, bejú, a cantar, dançar, a fazer o artesanato, a respeitar a cosmologia do povo, a silenciar e ouvir os conselhos dos mais velhos, a curar com ervas, a sentir as energias boas vindas da natureza e das pessoas, etc.; são lições que se aprendem desde o raiar do dia. Mas é preciso saber ler e escrever e a aldeia entende que a criança deve estudar na escola do “branco” para contribuir com o povo na luta pelo respeito e direitos institucionais e legais aos povos.

Respeitar a cultura do outro, deve ser também uma constante na vida de todos os que vivem na cidade e na aldeia, pois, compreende-se que identidade não se perde com a saída do indivíduo de seu lugar (aldeia), ele é e será sempre o mesmo com ou sem aldeia, vivendo na cidade, comendo com garfo e faca, vestindo terno e gravata porque seu ser é carregado de memórias e representações identitária. E não existe uma cara de “índio”, um estereótipo, existe o “indivíduo” que carrega a responsabilidade em sua afirmação de ser quem é Tukano, Kambeba, Guaraní, Tembé, Mundurucu, Macuxi, Kayapó, Pataxó, Tupinambá, Kocama, Tikuna, Mura, Suruí, Arara, Parakanã, Cariri-Chocó, Parakanã, Gavião, Miramha, Assurini, Matis, Kaingang, Xavante, Terena entre outros.

Hoje muitas aldeias estão perdendo seus rituais, suas danças, mas suas narrativas continuam sendo transmitidas. Esse é um entrave vivenciado pela sociedade indígena por conta do contato com a sociedade não indígena. A cultura do outro não pode de maneira alguma interferir no que se tem de mais precioso que é a identidade e o modo de vida nas aldeias. Assassinar a cultura de um povo é o mesmo que assassinar o povo, a isso chamamos etnocídio. Vamos respeitar a vida, respeitando a natureza e os povos indígenas em sua totalidade de serem filhos do sol, da água e da terra.

Por fim, território é um espaço de identidade ou pode-se dizer que é um espaço de identificação. O sentimento é a sua base e a forma espacial importa muito pouco, pois esta pode ser variável. O território pode também ser imaginário e até mesmo sonhado. E, pensando nesse imaginário, nesse sonho que sua construção tem início.



# OBSERVATÓRIO DE JUSTIÇA SOCIOAMBIENTAL LUCIANO MENDES DE ALMEIDA

O Observatório é um núcleo organizador de instituições e iniciativas em rede focadas em temáticas comuns ligadas à “promoção da justiça socioambiental da rede jesuíta”.

Criado pela Província dos Jesuítas do Brasil - BRA para observar em profundidade as grandes questões emergentes da realidade conflitiva e contraditória, em vários âmbitos e territórios, se propõe a desenvolver ações de documentação, sistematização, reflexão, formação e articulação de forma a colocar em sinergia todo o potencial acumulado na Rede Jesuíta, buscando, sobretudo, uma interlocução contínua com os diversos atores dentro e fora da Igreja.

## **MISSÃO:**

Ser um serviço em rede de informações, análises, ação educadora e incidência na realidade brasileira em vista da promoção da justiça socioambiental.

## **ÁREAS DE ATUAÇÃO:**

Amazônia e Povos Tradicionais;  
Articulação Institucional;  
Economia Solidária;  
Educação Popular, Política e Cidadã;  
Gênero;  
Juventudes;  
Migrantes e Refugiados;  
Incidência sobre as Políticas Públicas;  
Diálogo Inter-religioso;  
Educação das Relações Étnico-raciais.

**Saiba mais em <http://olma.org.br/>**



CASA LEIRIA  
Rua do Parque, 470  
São Leopoldo-RS Brasil  
Telefone: (51)3589-5151  
[casaleiria@casaleiria.com.br](mailto:casaleiria@casaleiria.com.br)

Márcia Kambeba é daquelas lideranças que fazem tremer o chão. Com olhar firme, posicionamentos claros e uma postura determinada, na música e na escrita leva adiante a luta dos Povos Indígenas do Brasil.

Os Cambebas (Kambebas, também conhecidos como Omágua) habitam, geralmente, a região da Amazônia brasileira e peruana. Em meados do século XVIII, sofrendo forte repressão das frentes contra indígenas que avançavam pela Amazônia, deixaram de identificar-se como indígenas Cambebas através de um processo de branqueamento sociocultural ou de aglutinação e miscigenação a outras etnias majoritárias. A partir da década de 1980, com a organização do movimento indígena, retomam seu processo de auto identificação, organizando suas demandas por terras e reconhecimento étnico.

É nesse contexto e com essas habilidades de Márcia, que se inscreve o Lugar do Saber. Através de uma poesia fluida, dinâmica e prazerosa para adultos e crianças. Nele o (a) leitor(a) é convidado (a) a uma viagem a dentro do universo Amazônico, diretamente ao coração daquele lugar que representa o foco de toda educação, toda vida, toda aprendizagem dos indígenas, a comunidade.

Solte sua imaginação e boa leitura!

# SÉRIE SABERES TRADICIONAIS

A Série Saberes Tradicionais é uma iniciativa literária organizada pelo Observatório Nacional de Justiça Socioambiental Luciano Mendes de Almeida (OLMA), pertencente a Província dos Jesuítas do Brasil.

O OLMA inaugurou seus trabalhos em agosto de 2016 com objetivos de auxiliar na articulação da Rede de Promoção de Justiça Socioambiental da Província dos Jesuítas do Brasil, composta por dezenas de instituições; traçar estratégias de incidência em prol de tal Justiça, na agenda das políticas públicas nacionais; e promover, produzir e sistematizar conhecimentos e informações reflexivas a respeito da realidade brasileira contemporânea.

Entre suas principais áreas de atuação encontra-se o eixo Amazônia e Povos Tradicionais, com um conjunto de ações e projetos, entre eles a Semana de Estudos Amazônicos (SEMEA), que busca promover uma semana de estudos e debates sobre a Amazônia em universidades localizadas fora do território amazônico.

Justamente ao longo das edições da SEMEA, observando e acolhendo demandas de lideranças indígenas e ribeirinhas da Amazônia, que lutam por registrar suas histórias, divulgar suas culturas, visibilizar seus conhecimentos, que nasce a Série SABERES TRADICIONAIS.

A série, não seguindo obrigatoriamente um gênero específico, busca dar voz e visibilidade as histórias contadas e escritas exclusivamente por pessoas pertencentes aos povos originários e tradicionais do Brasil, como indígenas, ribeirinhos, quilombolas, pescadores, agricultores familiares, entre outros.



JESUÍTAS BRASIL



OLMA

Observatório Nacional de Justiça Socioambiental  
Luciano Mendes de Almeida

ISBN 978-65-990698-8-8



9 786599 069888 >